



O Sofrimento Humano em C.S. Lewis

Por Wendel da Silva Ribeiro

1. Introdução

O sofrimento humano, sem dúvida, levanta as mais complexas e angustiantes questões de todo o drama humano. Quem nunca teve sua existência cortada por alguma circunstância que atinja de forma visceral nosso ser e faça sangrar não apenas o corpo, mas a alma? Diante de todas as gestações visando uma sistematização do assunto, a crença em um Deus onipotente e bom, longe de decidir a questão, parece acentuar o problema: como um Deus bondoso e onipotente pregado pelos cristãos pode permitir um mundo permeado pela tragédia e pelo sofrimento? Para isso buscamos uma compreensão da compatibilidade do sofrimento com o Deus pregado pelo cristianismo e de como enfrentar essa realidade que muitas vezes nos parece fria e cruel.

➤ C.S. Lewis: Vida e Obra

Decidimos buscar ajuda nas obras de um dos maiores escritores, pensadores e apologetas cristãos do século passado: C. S. Lewis. Ainda que não tenha sido um teólogo de ofício, sua capacidade lógica e de articulação o fizeram um dos gigantes intelectuais do séc. XX. Sua vasta obra literária contempla desde livros com conteúdo teológico – como *Cristianismo Puro e Simples*, *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz* (reconhecido em meios seculares como a revista Time), *O Grande Abismo*, entre outros – até romances e ficções. Atuou também na área de literatura infantil onde destacamos o consagrado *As Crônicas de Nárnia* que foi recomendado nos Estados Unidos para compor o currículo de reconhecidas instituições de ensino como leitura obrigatória, inclusive universidades, e foi recentemente adaptado para as telas dos cinemas. No decorrer de sua vida, Lewis preocupou-se potencialmente com esse tema, o que é demonstrado mormente em sua

obra *O Problema do Sofrimento*, onde ele se debruça sobre essa delicada questão oferecendo uma resposta intelectual ao anseio das almas inquietas que, como ele, desejam compreender a compatibilidade de um mundo mergulhado em sofrimento com o Deus onipotente e amoroso.

2. Deus e o sofrimento

2.1. A “im-potência” de Deus

Lewis sintetiza o problema do sofrimento da seguinte forma: *“Se Deus fosse bom, Ele desejaria tornar Suas criaturas perfeitamente felizes, e se fosse todo-poderoso, seria capaz de fazer o que quisesse. Mas as criaturas não são felizes. Portanto, a Deus falta a bondade ou o poder – ou ambas as coisas”*.

No primeiro capítulo procurou-se compatibilizar o caráter de um Deus Bondoso e Onipotente com a existência do sofrimento. Para que isso fosse possível, foi necessária uma reflexão e reformulação dos conceitos de Onipotência e Bondade. Vimos que a Onipotência não significa o poder de fazer “qualquer coisa”, mas tão somente aquilo que não constitui uma impossibilidade absoluta, ou seja, aquilo que permanece impossível sob quaisquer condições. É o que Lewis chama de *intrinsecamente impossível*. Mesmo tendo cautela ao associar esse conceito ao poder divino, Lewis afirma que Deus não pode realizar coisas sem sentido: algumas sentenças sem sentido algum não adquirem subitamente sentido se colocarmos a afirmação *“Deus pode”* antecedendo o seu início. (LEWIS. *O Problema do Sofrimento*. p. 35).

Deus ao criar o mundo estabeleceu leis fixas que regulam e tornam possível a existência. Não existe sentido em uma expectativa de que todas as vezes que essas leis firmam nossa sensação de conforto e bem-estar, sejam anuladas e alteradas. Não existe sentido em uma expectativa de flutuarmos ao cairmos de uma grande altura ou de ficarmos subitamente invulneráveis em um acidente. Somos limitados, a vida é uma condição frágil em uma realidade contingente e temos que aprender a conviver com essas limitações e somos responsáveis por nossa preservação. Ossos quebram se cairmos de

uma grande altura, sofremos ferimentos em um grande impacto, as células sofrem as conseqüências de hábitos nocivos. Deus não se assemelha a um estrangeiro esquizofrênico, ou um tirano arbitrário, que realiza coisas a seu bel-prazer, não importando sua coerência e sentido das regras pré-estabelecidas.

Ainda que não se confunda com as próprias leis, Deus criou o mundo, estabeleceu leis, e certamente as respeita e as governa todos os dias. Isso seria algum tipo de obstáculo ao poder divino? De forma alguma. O que é intrinsecamente impossível não constitui matéria de discussão e sim *não-entidades*, portanto não se constituem impedimentos ao poder divino.

2.2. A “In-operância” de Deus

Em um espaço governado leis fixas, em que o ambiente não se conforma aos desejos egoístas e extravagantes, a neutralidade e inexorabilidade promovem a oportunidade para atitudes de cortesia e desprendimento em direção ao próximo, mas, delas também podem emergir as maiores crueldades e perversidades.

Porque Deus não age para impedir tantas das atrocidades que presenciamos? Deveríamos acusar Deus de uma suposta omissão em tais casos? É contraditório e sem sentido e, portanto, *intrinsecamente* impossível criar uma sociedade de almas livres e ao mesmo tempo não lhes permitir oportunidade de escolha, porque, na realidade, não seriam livres de fato, mas tão somente autômatos, em que sua virtude seria análoga “*a virtude de uma pedra que rola em uma encosta ou da água que congela a 0°C*” (LEWIS. God in the Dock. p. 162).

. Em um mundo que fosse projetado para que apenas boas ações fossem realizadas, sem a possibilidade do mal, as “boas ações” não seriam *realmente* boas, mas tão somente códigos de instrução programados para as respostas esperadas. Para que o bem seja legítimo, deve ser fruto de uma disposição do ser em escolher entre esse bem ou negar-se a efetuar-lo, e essa opção carrega em si a concreta possibilidade do mal (LEWIS. Cristianismo Puro e Simples. p. 26).

Deus escolheu autolimitar-se, criando uma regra de que Ele, mesmo em sua onipotência, não poderia alterar o caráter humano pela força, mas apenas quando esse

homem se rendesse a ele permitindo tal mudança.. Deus achou que valeria a pena correr o risco, em nome da liberdade, porque é a liberdade, mesmo com a possibilidade do mal, que permite qualquer ato de amor, altruísmo e alegria.

Ainda assim o livre-arbítrio humano de forma alguma neutraliza a soberania Divina. Lewis realiza uma distinção entre o que ele chama de “*bem simples*” que se origina em Deus; do “*mal simples*” que se origina nas criaturas rebeldes; e do “*bem complexo*” que é a utilização desse mal, por Deus, para a realização dos seus propósitos. Em quaisquer circunstâncias tanto aquele que pratica o bem simples, compartilhando amor, oferecendo bondade, como o outro que pratica o mal simples, destilando o ódio, oprimindo seu semelhante e causando sofrimento, ambos – “o primeiro como *filho* e o segundo como *instrumento*” – estarão realizando “o propósito de Deus... mas... faz diferença se está servindo como Judas ou como João”. (LEWIS. O Problema do Sofrimento. p. 126).

2.3. A “In-diferença” de Deus

Lewis salienta que a compreensão humana do que seria a bondade divina está intimamente ligada àquilo que consideramos como nosso direito à felicidade. Percebemos que se deseja um tipo de felicidade senil, em que o que importa é ser feliz não importando os traços de caráter, e tampouco como essa “felicidade plena” seria alcançada.

O primeiro problema a ser levantado é que enquanto a nossa concepção de amor mais se assemelha a uma espécie *benevolência* que não se importa a que preço se atinja a felicidade, conquanto que se escape do sofrimento, o amor legítimo apresenta elementos que vão além da satisfação, pois se preocupa com o ser em sua inteireza, com seu caráter. Portanto, se dizemos que Deus é amor, afirmamos que suas ações e atitudes não se restringem à mera bondade. Seu amor não é trivial e indiferente.

Como até mesmo dentro de nossa limitada condição, não seria concebível uma afirmação do tipo “não me importa que meu filho seja um grande canalha, desde que ele se sinta bem e não sofra”, muito menos poderíamos admiti-la nos padrões divinos. Deus nos ama e se preocupa conosco. Lewis, ao contrário dos que defendem a doutrina da impassibilidade divina, afirma que o Deus da Bíblia fala como quem é tomado por uma

paixão incontrolável, que se deixa afetar profundamente pelos equívocos cometidos por aqueles a quem ama.

3. O Sentido do sofrimento

3.1. O Megafone de Deus

Mas será que o sofrimento é algo sem sentido? Pode o sofrimento contribuir para nossa vida de alguma maneira? É certo que em alguns momentos o sofrimento será *apenas* o produto de mundo com as características acima mencionadas, mas partiremos em busca de algum propósito para o sofrimento.

Para Lewis, o homem que escolheu caminhar em uma autonomia enganosa e insana jamais tomará uma atitude em direção a Deus enquanto tudo o que tem lhe parecer satisfatório. Desta forma sua máquina de ilusões deve ser despedaçada, obrigando-o a enfrentar a dura realidade do sofrimento. Lewis utiliza a expressão “*megafone de Deus*” para retratar essa realidade: “*Deus nos sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas brada em nosso sofrimento: o sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo*”. (LEWIS. O Problema do Sofrimento. p. 105s). Ainda que o homem queira fugir do confronto com suas próprias limitações, maquiando seus equívocos, resumindo sua existência à conquista de situações que promovam seu bem-estar, o sofrimento teima em bater em sua porta, fazendo-o lembrar e admitir que algo está radicalmente errado nesse universo e isso pode ser uma oportunidade para importantes reflexões e redefinição de valores. O sofrimento dói e ao sermos feridos sabemos que algo está errado. O sofrimento desmascara o mal. A auto-suficiência humana deve ser destroçada cedendo lugar a uma submissão e entrega a Deus, só assim estaremos vivendo nossa verdadeira humanidade.

Ainda que compreendamos a posição lewisiana de que Deus em *alguns momentos* pode utilizar-se do sofrimento para um caso específico, consideramos o *megafone de Deus* uma “*mensagem geral de advertência para toda a humanidade*” de que alguma coisa realmente está errada e é impossível encontrarmos a verdadeira satisfação nesse mundo, destruindo a ilusão de sua auto-suficiência (YANCEY. Philip. Onde está Deus quando chega a dor? p. 76). Não devemos entender o sofrimento como uma punição

direta de Deus e sim como algo inerente a um mundo em transformação. Deus não é um déspota que arbitrariamente fere as pessoas e envia sofrimentos aqui e acolá. Deus absolutamente não tem prazer algum no sofrimento. Contudo, o sofrimento permanece sendo uma situação adequada e peculiar para que repensemos nossos valores, reconhecamos nossas limitações e nos aproximemos de Deus.

3.2. A Pedagogia da Dor

Lewis considera que, de alguma forma, o sofrimento pode trazer alguma contribuição para a vida humana. É possível que tenhamos algo a aprender ou a crescer seja em que situação for e o sofrimento não se encontra fora dessa concepção. Não somos criaturas suficientemente maduras e prontas.

Da mesma forma que um pai sabe que o crescimento envolve riscos e sofrimento, Deus deseja nosso aperfeiçoamento, ainda que isso envolva riscos e dor. Lewis denomina esse interesse de Deus em nos aperfeiçoar e amadurecer de *“fardo de glória”*. Não há como crescermos sem que isso envolva riscos. Em todos os estágios da vida o crescimento não é confortável; *ele demanda sofrimento*. E o sofrimento não é empecilho para que Deus realize em nós o seu propósito.

E é interessante notar que, após passar por doloroso caminho, muitos sofredores não se mostram amargurados e ressentidos, mas alegres e agradecidos a Deus por ter-lhes dado a oportunidade de conhecer melhor a si mesmos e a Ele, e assim, como a Bíblia diz, serem *“aperfeiçoados pelo sofrimento”*. Por isso, para Lewis o sofrimento pode ser considerado uma dádiva, porque jamais alcançaríamos um sentido mais profundo da vida sem o seu auxílio. O sofrimento possui a capacidade, quase que exclusiva, de nos ajudar a nos tornar mais sensíveis e mais humanos.

Houve a preocupação de rechaçar qualquer fórmula pronta que aponte para uma regra geral do tipo *“Deus envia a tribulação para nos fortalecer”*. Repelimos qualquer tipo de apologia à dor. Sabemos que isso, sem dúvida, pode acontecer, mas o sofrimento com todos os pormenores está longe de obedecer a regras análogas. Tais concepções podem contribuir para uma deformação do rosto de Deus e criar graves patologias no ser do cristão ou daquele que sofre. *“O sofrimento não é bom em si mesmo”* sentencia Lewis. Ele apenas diz que tenta demonstrar que a doutrina cristã do aperfeiçoamento do ser

mediante o sofrimento não é tão absurda, mas não tem intenção de transformá-la em um momento de prazer.

3.3. Um Sentido na Realidade

O sofrimento por vezes tende a distorcer a visão da realidade pelo homem. Algumas condutas se encontram polarizadas entre a negação do mal e do sofrimento e uma supervalorização do mal.

Existem aqueles que por incompreensão ou por sua incapacidade de lidar com o sofrimento, consideram o mal e o sofrimento como mera “ilusão”, constituindo uma espécie de idealismo. Lewis rejeita qualquer traço de subjetividade ou “psicologização” do mal. Para ele o mal é objetivo, é concreto. O mal realmente existe e é assombroso (GREGGERSEN, Gabriele. *O Senhor dos Anéis: da fantasia à ética*. p.56). Isso é percebido em sua história de conto-de-fada *As Crônicas de Nárnia*.

Por outro lado, por seu caráter assombroso e destrutivo, muitos se recusam a enfrentar o mal, caindo no outro extremo. É importante frisar que apesar de demonstrar o mal como algo feio e concreto, Lewis preocupou-se em desenvolver uma ênfase antimaniquês em sua teologia. Lewis, seguindo Agostinho, salienta a supremacia do bem. Argumenta que a igualdade de poderes e substância é algo metafisicamente impossível. O mal, apesar de perigoso, age sempre em um espaço determinado pelo bem. Isso nos faz concluir que na cosmovisão cristã o sofrimento faz sentido, pois faz parte de plano maior divino, mesmo que carregue em si uma realidade angustiante, dolorosa e misteriosa.

Não raro, existe um olhar muito pessimista da realidade. Em sua obra *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, Lewis nos demonstra que uma das estratégias malignas é exatamente uma supervalorização do mal em detrimento do bem. O que é doloroso e cruel corresponde “ao mundo como ele é”, enquanto sentimentos nobres, prazeres advindos da religião e momentos de alegria são considerados pura fantasia. O ódio de uma pessoa demonstra toda a franqueza e verdade, enquanto a sua amabilidade não passa de um surto sentimentalista e “pura névoa subjetiva”. (LEWIS. *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*. p. 160).

O pensamento de Lewis nos conduz ao local de equilíbrio. Para ele, a realidade nos tira de um mundo ideal e nos remete de volta à vida concreta. E é em cada situação concreta, e não ilusória, que apresentamos a resposta correta que cada situação nos exige e ali encontramos sentido e satisfação.

Lewis nos mostra que devemos aprender a viver a realidade mesmo com os obstáculos que carrega em si, mesmo que soframos com isso. A realidade carrega em si desafios e essas situações nos dão oportunidade de lembrarmos e realizarmos valores que estavam adormecidos, ou conhecermos aqueles que nem sabíamos que possuímos. Por isso, mesmo em condições adversas, devemos manter uma atitude correta diante do sofrimento como parte da vida.

4. Reações ante o Sofrimento

4.1. Rebeldia ou Rendição

Sem dúvida o sofrimento, ainda que possa levar o homem mau ao arrependimento, possui o potencial de fazer com que a pessoa se rebele definitivamente por Deus permitir que tais atrocidades aconteçam em suas vidas.

Certamente, não se encontrará todas as respostas para as inquietações que o sofrimento desperta. Cabe ao homem submeter-se à *“onipotência inescrutável de Deus”*. Ou seja, algumas vezes, será necessária uma rendição ao mistério.

O problema embutido nessa rendição se constitui na extrema dificuldade que o homem moderno possui de submeter-se ao que lhe é incompreensível. Não é mais Deus, e sim o homem moderno, com suas técnicas, que é senhor da história. Não admite o sofrimento, exigindo respostas e justificativas para a desordem que Deus lhe permite desfrutar. Deus, quem diria, tem o direito de defesa desde que suas justificativas sejam legítimas.

Não é questionado o valor do protesto em um contexto de fé, de aliança com Deus e tampouco se fomenta uma resignação. Critica-se a absurda postura daquele que questiona a Deus por pura presunção e distorção da compreensão de seu lugar na história. Para o

homem moderno, submeter-se ao mistério do sofrimento tornou-se ocasião de escândalo, pois no mistério tudo é escuro, tudo é um vácuo que sua pretensa luz não consegue iluminar. A conquista do sofrimento é a última fronteira.

O mistério que a Bíblia nos ensina não está associado a um significado negativo de vazio ou à escuridão. Ele simplesmente aponta para a soberania de Deus, que, sendo a luz que nossos olhos não podem mirar diretamente, ilumina-nos naquilo que nos concerne conhecer. A luz não está no homem, mas fora dele.

É importante ressaltar que submeter nossas questões a Deus não significa nenhum tipo de determinismo ou fatalismo. Lewis solapa uma atitude de mera passividade em nossos comportamentos, rechaça uma atitude de mera resignação, que muitas vezes contribui para uma paralisia “em nome da vontade de Deus”. Não somos meros recipientes. Semelhantes posturas retratam uma negligência quanto à legítima reflexão sobre o sofrimento.

4.2. Desistência ou Coragem

Lewis não está de acordo com aqueles que enxergam o sofrimento como algo capaz de, tão-somente, produzir males nas vidas das pessoas. Em muitas ocasiões, sentimentos como coragem, perseverança, fibra são desenvolvidos por aquele que passa pelo sofrimento, são importantes instrumentos pedagógicos para aqueles que (ainda) não sofrem. Encontramos sofredores que se recusam a se entregar; não desistem ainda que as circunstâncias lhes sejam amplamente adversas *“O sofrimento proporciona uma oportunidade de heroísmo, e essa oportunidade é aproveitada com frequência surpreendente”*. (LEWIS. O Problema do Sofrimento. p. 175)

Assim, percebemos que nem o maior dos males tem o poder de destruir a vida daquele que sofre, se esse assumir uma atitude resiliente e de coragem. Desta forma, o que alguns encaram como um derrotismo, muitos utilizam como oportunidades para um resgate de suas verdadeiras virtudes. É bem verdade que, nas horas mais sombrias e de maior medo, muitos provam ser os verdadeiros heróis. Talvez aqueles que eram considerados os mais frágeis, dos quais menos se esperaria, se tornam exemplos de resistência e coragem. Não fossem as ocasiões de sofrimento, medo e angústias que

enfrentam, as pessoas que se consideram (ou são consideradas) tão incapazes, não teriam condições de provar suas virtudes e sua coragem.

Caminhar com coragem não significa caminhar sem medo. Ter medo não é sinônimo de covardia e não constitui pecado algum. Em sua caminhada os sofredores se equilibram entre pavores e coragem, mas, nos momentos mais críticos e decisivos, a coragem se sobressai. Viktor Frankl concorda com que no embate com o sofrimento não devemos nos envergonhar de nossas angústias e tristezas, devemos sim *“olhar de frente a situação, a avalanche do sofrimento, apesar do perigo de alguém ‘amolecer’ e, quem sabe, em segredo, deixar as lágrimas correrem livremente. Não precisa envergonhar-se dessas lágrimas. Eram o penhor de ter a maior das coragens – a coragem de sofrer”*.¹

Não só em relação ao sofrimento, mas em qualquer outra circunstância, o ser humano, em seu livre-arbítrio, deve exercer sua capacidade de escolha. Sempre existirão alternativas, até mesmo nos casos mais extremos e aterradores. Nenhum ambiente, por mais desumano que seja, tem o poder de roubar a humanidade das pessoas e suas capacidades inatas de exercer sua liberdade. Diante das situações de sofrimento que a vida nos incumbe de enfrentar, as pessoas, mesmo conscientes de sua inocência, podem revelar uma dignidade no sofrimento, enfrentando-o com paz e desprendimento ou então apenas com sentimentos egoístas e desumanos. Nossa humanidade carrega em si uma resiliência que se constitui em uma *“reserva extra de forças”* colocada por Deus em nosso íntimo, de forma que, quando pensamos que nossa energia está no fim, que iremos sucumbir ante as tragédias da vida, pode-se recorrer a essa *“força secreta que habita em nós”*. Precisamos saber e acreditar nisso.

4.3. Omissão ou Ação

Em casos delicados como o do sofrimento as menores atitudes podem fazer a maior diferença. O sofredor, geralmente, não nutre a expectativa de grandes atitudes que revertam definitivamente seu quadro de dor, mas, tão-somente, empatia e amor. O que

¹ FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido. p. 104. Sobre os prisioneiros que encontravam força e sentido no cumprimento do sofrimento e não se deixavam dobrar pelos horrores dos campos de concentração.

tende a nos afastar do sofredor é exatamente não dispormos de respostas adequadas para um momento tão doloroso, e a fé em um Deus Bom e Onipotente agrava o quadro.

Um outro fator inibidor da simples empatia, do exercício do amor, talvez seja a ingênua responsabilidade em erradicar o sofrimento da vida daquele que sofre. Devemos realizar o que nos cabe e não aquilo que pensamos ser o melhor no intuito de acabar definitivamente com a situação de sofrimento. Isso sem dúvida demandará uma empatia que se encarna através do amor. Demandará esforço, persistência e sem dúvida sofrimento. O auxílio ao sofredor, em amor, exige que deixemos nossa zona de conforto para irmos ao encontro do sofredor. Se nossa atitude em socorro do próximo *“não nos priva de nada, ou não nos sacrifica em nada, eu diria que é bem pequena”*. (LEWIS. Cristianismo Puro e Simples. p. 47).

Devemos compreender que o amor exige sacrifícios. Não há como amar querendo preservar sua vida de desgastes e sofrimento. *“Amar é sempre ser vulnerável”*. E temos em Deus esse maior exemplo. Ele é o *“Amor-Doação”*, a *“Imagem do Amor Absoluto”*, o *“Inventor de todos os amores”*. (LEWIS. Os Quatro amores. p. 11)

Muitas vezes alimentamos uma letargia, justamente por ficarmos aguardando um sentimento arrebatador nos mover à ação. Lewis discorda radicalmente daqueles que não se movem porque se encontram absortos em reflexões infrutíferas, procurando em algum lugar sentimentos que os levem a agir. Porque frente aos muitos desafios talvez lhes faltem coragem e amor. A resposta de Lewis a essa questão é simples: aja como se sentisse!

Precisamos uns dos outros, porque todos nós enfrentamos momentos de escuridão, e compartilhá-los com o próximo e com Deus pode ser um canal de alívio terapêutico. *“O reino do sofrimento é democrático...todos têm a capacidade de ajudar, e isso é bom!”*. (YANCEY. Onde está Deus quando chega a dor? p. 156)

5. Conclusão

No presente trabalho traçamos uma estreita trilha na densa selva do sofrimento. Dizemos estreita porque por mais que nos dediquemos, não conseguiremos encontrar

todas as respostas para as sérias questões que esse assunto suscita. Nunca foi a expectativa de Lewis, tampouco a nossa, oferecer respostas últimas e definitivas sobre essa questão. Pretendemos apenas acenar com algumas concepções que ajudem a iluminar o sombrio caminho daqueles que são tocados pelo sofrimento, auxiliando-os a suportar esses momentos críticos.

Buscou-se romper com alguns paradigmas e trazer luz à compreensão do sofrimento, respeitando os limites impostos pela própria realidade.

Diante do sofrimento, e toda sua agudez, não devemos ficar apáticos, buscando sinais ou mensagens específicas de Deus, porque isso pode acarretar em paralisias que nos desencorajem no prosseguimento da jornada. Devemos saber que é próprio da vida ter que lutar e trilhar caminhos difíceis, já que estamos inseridos em contexto contingente em que a postura do ser humano revela-se decisiva para o bem do seu semelhante e do mundo que habita. Mas que no fim das contas tudo concorrerá para que os propósitos divinos sejam atingidos.

Não devemos nutrir apenas uma visão pessimista do sofrimento, pois aprendemos que o mesmo pode ser preciosa ocasião para o nosso crescimento e aperfeiçoamento enquanto gente. Ele nos desperta das ilusões de que tudo nesse mundo está bem – quando na verdade não está – e de que o que temos nos basta, impulsionando-nos em direção a Deus como real fonte de satisfação. O sofrimento pode nos fazer encontrar um real sentido da realidade, não como algo mau, dominado pelo mal, mas despertando em nós virtudes e fazendo valorizar as pequenas e belas coisas que estão ao nosso redor.

Desta forma, o sofrimento nos convoca a dar respostas na vida e para a vida: nós nos submeteremos ao mistério ou nos rebelaremos? Prosseguiremos com coragem e heroísmo ou nos entregaremos à apatia e a resignação? Iremos nos omitir ou agiremos, mesmo dentro de nossas limitações? Essas são posições entre as quais devemos optar, e que definirão decisivamente aquilo em que nos tornaremos após passar por esse caminho de sombras e luz.

6. Bibliografia

FRANKL, Viktor E.. *Em Busca de Sentido*. Tradução Walter O. Shlupp e Carlos C. Aveline. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008

GREGGERSEN. Gabriele. *O Senhor dos Anéis: da fantasia à ética*. Viçosa: Ultimato, 2003.

KREEFT. Peter. *Buscar Sentido no Sofrimento*. Tradução Alexandre Patriarca. São Paulo: Loyola, 1995.

LEWIS. C. S. *As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e O Guarda-Roupa*. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2002

_____. *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*. Tradução Juliana Lemos. São Paulo: Martins Fontes: 2005.

_____. *Cristianismo Puro e Simples*. 5ª ed. São Paulo: ABU Editora, 1997.

_____. *God in the Dock: Essays on Theology and Ethics*. HOOPER, Walter (Ed.). Grad Rapids, Michigan: WM. B. Eermans, 1970.

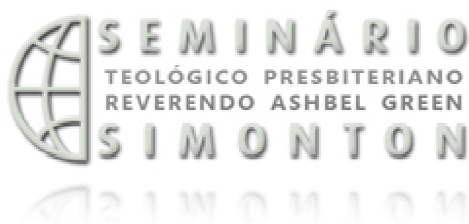
_____. *O Problema do Sofrimento*. Tradução Alípio de Franca Neto. São Paulo: Vida, 2006.

_____. *Os Quatro Amores*. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YANCEY, Philip. *Onde está Deus quando chega a dor?* Tradução Emma Anders e Souza Lima e Denise Avalone. 2. ed. São Paulo: Vida, 2005.

Wendel da Silva Ribeiro

*O autor é Bacharel em Teologia, formado pelo Seminário Simonton no ano 2008. Para falar com o autor, envie um email para: wendels@furnas.com.br



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958